UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DOUTORAMENTO

DOS

GENERAIS DOS ALIADOS

Marechal Joffre -- Generalíssimo Diaz -- General Smith Dorrien

NO

DIA 15 DE ABRIL DE 1921

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1921

DOUTORAMENTO

DOS

GENERAIS DOS ALIADOS

Marechal Joffre -- Generalíssimo Diaz -- General Smith Dorrien

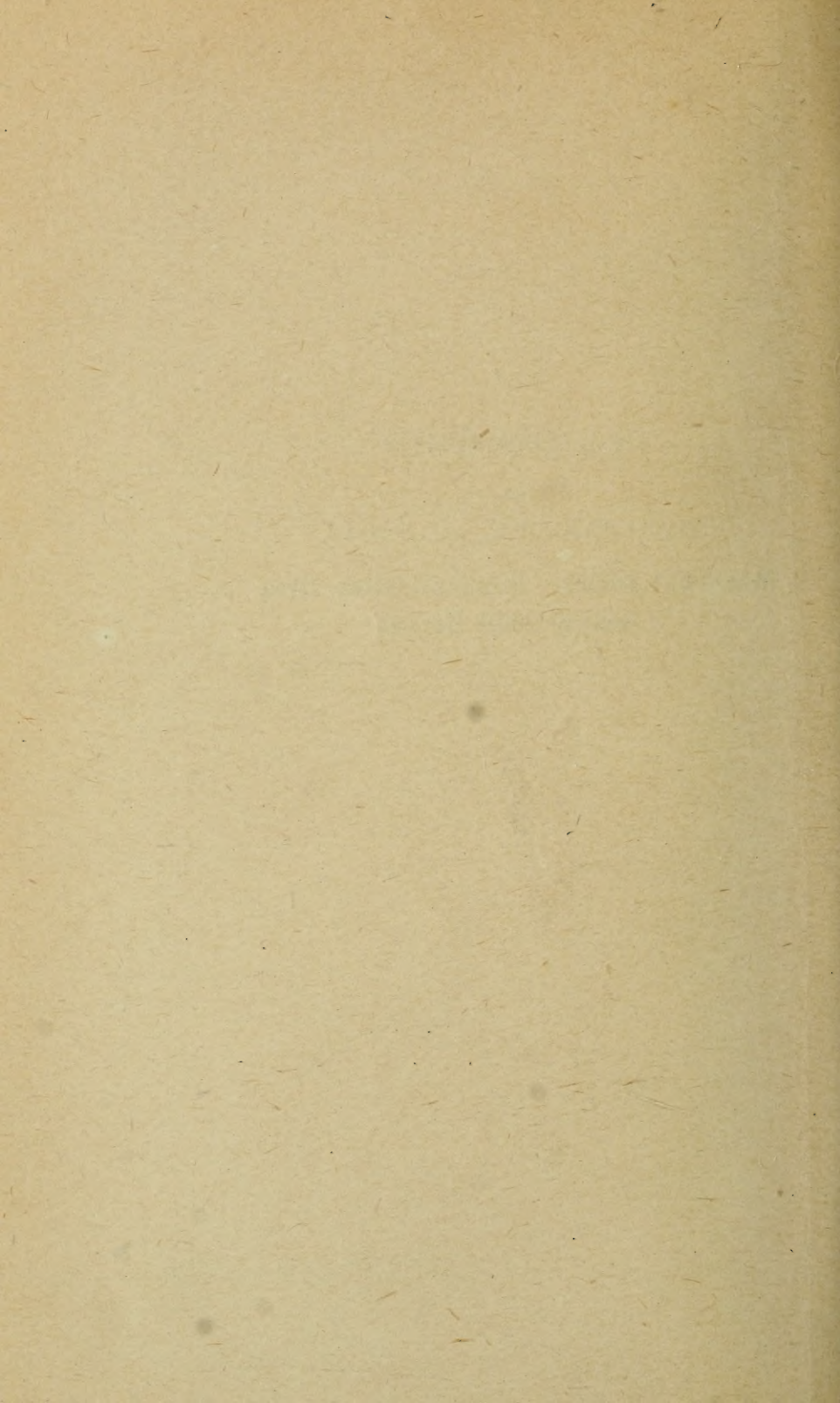
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

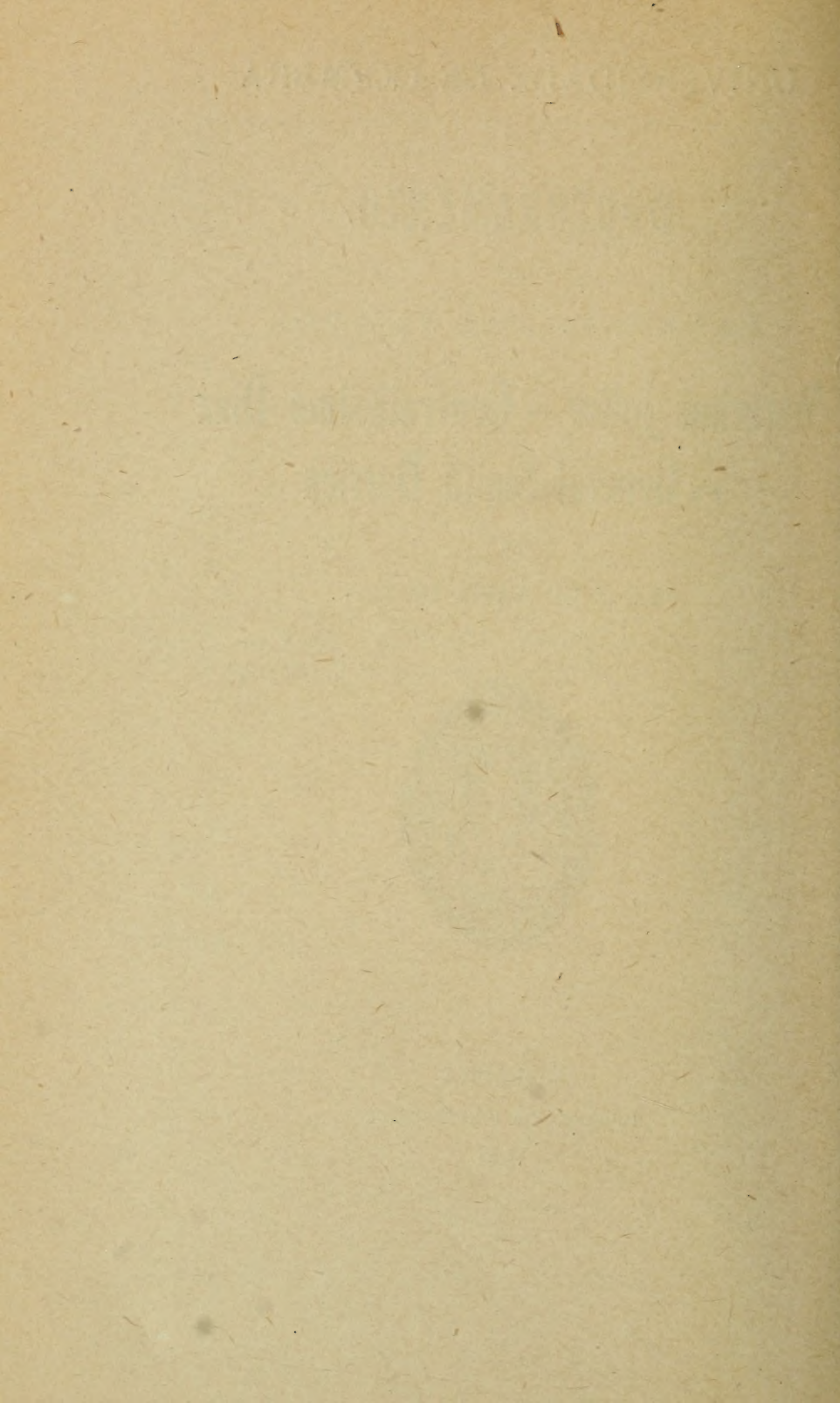
DOUTORAMENTO

DOS

GENERAIS DOS ALIADOS

Marechal Joffre -- Generalíssimo Diaz -- General Smith Dorrien

NO

DIA 15 DE ABRIL DE 1921

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1921

RELATO

Representou para a Universidade de Coïmbra uma das maiores distinções de que tem sido alvo a visita dos gloriosos Generais dos exércitos aliados — Marechal Joffre, Generalíssimo Díaz e General Smith Dorrien, aos quais foi pela mesma Universidade conferido o grau de Doutor «Honoris causa» na Faculdade de Sciências.

Cumpria-lhe registar todos os factos e incidentes relativos a essa tão honrosa visita.

Seguem registados, sob a forma de efemérides, a contar do dia em que a Reitoria têve comunicação da vinda do Marechal Joffre a Coïmbra e à Universidade.

Dia 2 de Abril de 1921 (Sábado)

Recebe o Reitor interino da Universidade de Coïmbra, Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães, uma comunicação telegráfica do Ministro da Guerra, Dr. Álvaro de Castro, anunciando-lhe a visita do Marechal Joffre a esta Universidade.

Envia o Reitor ao Ministro da Guerra, nessa mesma data, um telegrama do teor seguinte:

«Ex.^{mo} Ministro da Guerra — Lisboa. — Testemunho a V. Ex.ª o meu maior júbilo e o da Universidade pela grata notícia da visita a Coïmbra do glorioso Marechal Joffre. Vou imediatamente convocar corporações universitárias afim concertar homenagens prestar, que desejo sejam em tudo dignas grande vencedor do Marne. Muito desejaría Marechal fôsse hóspede Universidade, dela recebêsse máxima homenagem — conferimento grau académico. Sôbre êste assunto peço V. Ex.ª indicação hora para conferenciarmos dia 6. Impossibilidade partir antes causa recepção missão espanhola.

Reitor Universidade Coïmbra, (a.) *Dr. Oliveira Guimarães.*

Ainda no dia 2 de Abril oficía o Reitor Dr. Oliveira Guimarães ao Presidente da Direcção da Associação Académica (ofício n.º 296 — L.º 8) comunicando-lhe a notícia da próxima visita do Marechal Joffre.

Era o ofício concebido nos seguintes termos:

Ex.^{mo} Sr. — Tenho a satisfação de comunicar a V. Ex.ª que dentro de alguns dias honrará o glorioso Marechal Joffre, com a sua visita, a Universidade de Coïmbra, sendo provável que se hospède no Paço das Escolas. Fazendo esta comunicação a V. Ex.ª, fico certo de que será recebida com júbilo igual àquele de que nêste

momento me sinto possuído e na certeza fico também de que a Academia de Coïmbra, sob a inspiração dos corpos dirigentes da Associação Académica e a convite de V. Ex.ª, se há de associar, com entusiasmo e calor, ás homenagens a prestar ao grande vencedor do Marne.

Saúde e Fraternidade. — Paço das Escolas, em 2 de Abril de 1921. — O Reitor interino, (a.) *Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães*».

Dia 5 de Abril (3.ª feira)

Recebe-se a notícia de que a visita do Marechal Joffre a Coïmbra e à Universidade se realizará no dia 15.

Combina o Reitor com os professores da Universidade, numa numerosa reunião para o efeito convocada, quais as homenagens a prestar ao Marechal Joffre.

Resolve-se: que ao vencedor do Marne seja conferido solenemente o grau de Doutor em Sciências;

que a Universidade hospède o ilustre visitante.

Parte o Reitor para Lisboa, afim de conferenciar com o Ministro da Guerra sôbre a recepção a fazer ao Marechal Joffre.

Dia 7 de Abril (5.ª feira)

De regresso a Coïmbra, o Reitor vem informado de que, àlém do Marechal Joffre, tencionam

visitar a Universidade o Generalíssimo Diaz e o General Smith Dorrien.

Conta-se que cheguem a Coïmbra, vindos do Pôrto, no dia 15; que nêsse dia haja recepção na Câmara Municipal, seguindo depois o cortejo para a Universidade; que no dia 16 lhes seja oferecido um almôço no Buçaco; que no dia 17 regressem a Coïmbra, visitem a cidade e se realize por fim a solenidade universitária, partindo os ilustres visitantes para Lisbôa no mesmo dia 17.

Nesta data, de 7, envia o Reitor ao Ministro da Guerra um ofício (n.º 304, L.º 8), no qual comunica haver conferenciado com o Governador Civil do distrito (Major Mota), com o oficial representante da 5.ª Divisão e com o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra àcêrca das medidas a combinar para a recepção e homenagens ao Marechal Joffre e aos outros dois Generais dos Aliados.

Anuncia no mesmo ofício que o Chefe do Estado Maior da Divisão lhe vai apresentar, a êle Ministro da Guerra, o programa entre todos combinado, afim de que se digne apreciá-lo e indicar sôbre o assunto o que tiver por conveniente.

Comunica que, por falta de aposentos, só poderá ficar na Universidade o Marechal Joffre, devendo o Generalíssimo Díaz e o General Smith Dorrien hospedar-se no edifício do Govêrno Civil.

Atendendo á falta de mobiliário essencial, bem como á de certas comodidades nos aposentos re-

servados ao Marechal Joffre, insta pela concessão de uma verba destinada à aquisição de alguns objectos, a obras urgentes, ao banquete e mais exigências da recepção — avaliando essa verba, por alto, num total de 10.000$00, e solicitando que a respectiva ordem superior seja dada com toda a possível brevidade.

Dia 8 de Abril (6.ª feira)

Dirige o Reitor um novo ofício ao Presidente da Direcção da Associação Académica, concebido nestes termos:

«Ex.mo Sr. — Seguro da boa vontade e da solicitude de V. Ex.ª e de todos os membros da Associação Académica — venho significar a V. Ex.ª que muito grato me seria poder contar com a cooperação da Direcção dos Corpos Gerentes dessa Associação na recepção e homenagens ao glorioso Marechal Joffre. Muito desejaria que, dum modo especial, V. Ex.ª e os seus colegas se dignassem auxiliar-nos, dentro da Universidade — casa de nós todos, professores e estudantes — e desde já me permito indicar a V. Ex.ª qual a parte em que melhor auxílio prestarão a esta Reitoria. Confiaria eu de V. Ex.ª e dos seus colegas a missão de fazerem as honras da Casa aos nossos convidados e de fiscalizarem todos os serviços atinentes ás entradas na parte livre — fora da teia — da Sala dos Capelos. Lembro a V. Ex.ª, para o efeito, a vantagem de

serem distribuídos cartões de admissão, não exceptuando os estudantes, que por certo aceitarão o alvitre. Igualmente ouso lembrar a V. Ex.ª a conveniência de, junto do corpo académico, advogar V. Ex.ª a ideia de que todos envergeuem os seus hábitos talares, visto tratar-se duma solenidade revestida das maiores galas.

Saùde e Fraternidade. — Paço das Escolas, em 8 de Abril de 1921. — O Reitor interino, (a.) *Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães*».

Dia 9 de Abril (Sábado)

Manda o Reitor afixar a seguinte proclamação à *Academia de Coimbra*.

«Chega no dia 15 do corrente a Coïmbra e será hóspede da nossa Universidade o Marechal Joffre.

Esperando que a Academia receba o herói do Marne com o caloroso entusiasmo devido à sua gloriosa acção na grande guerra — conto com a valiosa cooperação dos estudantes para que na melhor ordem e com o maior brilho decôrra a sessão solene em que ao Marechal serão conferidas as honras do doutoramento na Faculdade de Sciências e oferecidas as respectivas insígnias.

Confiarei, assim, da boa vontade e solicitude da Academia a distribuïção dos bilhetes de admissão à Sala dos Actos Grandes, fòra do recinto da teia, e a fiscalização dos serviços relativos ás entradas nessa parte livre da Sala.

Com absoluta confiança na sua aquiescência me

dirijo aos estudantes desta Universidade para que auxiliem a Reitoria na grata mas delicada missão de prestar as devidas homenagens ao grande soldado da França, ao victorioso Campeão do Direito e da Justiça.

Paço das Escolas, em 9 de Abril de 1921. — O Reitor interino, (a.) *Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães*».

É enviado ao Marechal Joffre o telegrama seguinte:

«Monsieur le Maréchal Joffre — Avenida Palace — Lisboa. — Au nom de l'Université de Coïmbra, j'ai l'honneur de saluer le vainqueur de la Marne, en lui assurant qu'elle attend chaleureusement sa visite et qu'elle s'énorgueillira de lui conférer en personne le titre et les insignes de Docteur, sa plus haute consécration scientifique.

Le Recteur, (a.) *Dr. Oliveira Guimarães*».

Dia 11 de Abril (2.ª feira)

Tendo recebido do Ministério da Guerra a indicação de que tambem deveriam ser conferidas ao Generalíssimo Díaz as honras do doutoramento, o Reitor telegrafa-lhe, na noite dêste dia 11, saudando-o em nome da Universidade e pedindo-lhe que a honre aceitando o grau e as insígnias de Doutor na Faculdade de Sciências, por ocasião da sua próxima visita.

Dia 12 de Abril (3.ª feira)

Recebe o Reitor um telegrama do Generalíssimo Díaz, nêstes termos:

> «Docteur Oliveira Guimarães, Recteur Universidade Coimbra: Très flatté honneur que vous me rendez je salue vous, le corps académique et le corps étudiants. Je viendrai remercier de la cordiale manifestation que vous venez de rendre en ma personne au peuple et à l'armée italienne. (a.) *General Diaz*».

É o Reitor informado superiormente de que os Generais dos Aliados não se demoram em Coïmbra álém do dia 15, devendo chegar do Pôrto nesse dia, ás 11 horas.

Recebe-se indicação do Ministério da Guerra para que seja também conferido o grau de Doutor em Sciências ao General Smith Dorrien. Fixa-se a solenidade do doutoramento para o dia 15.

Dá entrada na Reitoria um ofício do Director da Faculdade de Sciências comunicando ter a mesma Faculdade resolvido conferir aos Generais dos aliados o grau de Doutor:

> «Universidade de Coímbra — Faculdade de Sciências. — Ex.^mo Sr. Reitor da Universidade de Coimbra. — Tenho a honra de comunicar a

V. Ex.ª que, em congregação de hoje, a Faculdade de Sciências desta Universidade resolveu conferir o grau de Doutor « Honoris Causa » ao Marechal Joffre e aos representantes dos exércitos Italiano e Inglês, que vieram a Portugal tomar parte na comemoração solene dos dois soldados portuguêses desconhecidos, mortos na Grande Guerra, um na Flandres e outro em África.

Saude e Fraternidade. — Faculdade de Sciências da Universidade de Coimbra, em 12 de Abril de 1921. O Director da Faculdade, (a.) *João José Dantas Souto Rodrigues*».

Telegrafa o Reitor aos Reitores das Universidades de Lisbôa e do Pôrto convidando-os para a solenidade.

Dá entrada na Reitoria um telegrama do Reitor da Universidade do Pôrto, Dr. Augusto Nobre, em que agradece o convite, comunica que a sua Universidade se fará representar na solenidade da de Coïmbra e por sua vez pede a representação desta na solenidade do Pôrto, marcada para o dia seguinte — 13.

Responde-lhe telegraficamente o Reitor Dr. Oliveira Guimarães, agradecendo e pedindo que o colega do Pôrto o represente na solenidade do dia 13.

Oficía o Reitor (ofício n.º 307 — L.º 8) aos Comandantes dos Regimentos de Infantaria n.ºs 23 e 35,

aos da Guarda Nacional Republicana, Artilharia 2, Administração Militar e Companhia de Saúde — convidando-os para a solenidade do dia 15 e enviando-lhes os bilhetes de admissão à teia da Sala dos Capelos.

Envia o Reitor ao General Smith Dorrien um telegrama do teor seguinte:

> «General Sir H. Smith Dorrien — Avenida Palace — Lisboa. — In the name of the University of Coïmbra, y have the honour to salute the glorious General Sir Horace Smith Dorrien, assuring Him that it awaits ardently his visit and that it will get proud of confering Him the title and the *insignia* of doctorship — its highest scientifical consecration.
>
> Rector of the University of Coimbra, (a.) *Dr. Oliveira Guimarães*».

Recebe o Reitor Dr. Oliveira Guimarães o seguinte telegrama:

> «Reitor Universidade Coimbra. — The prospect of being honoured by the University of Coïmbra gives me the greatest pleasure.
>
> (a.) *General Smith Dorrien*».

Dia 15 de Abril (6.ª feira)

Como estava anunciado — chegam à estação A, pelas 11 horas e 15 minutos, os Generais dos Aliados, seguidos das respectivas comitivas. Acompa-

nha-os o Ministro da Instrução, Dr. Júlio Martins, que representará o Chefe do Estado na solenidade do doutoramento, como apresentante ou Padrinho honorário dos doutorandos. Encontram-se na gare, esperando os ilustres visitantes, o Reitor com o Secretário Geral da Universidade, os Directores das Faculdades e muitos outros professores, no meio de larga representação das autoridades eclesiásticas, civís, militares, administrativas, de grande afluência de estudantes e de populares.

Feitos os cumprimentos, e tendo os três Generais tomado lugar nos automóveis que lhes eram destinados, no meio de vivas ovações dos estudantes — é o Reitor da Universidade convidado, como o Secretário, a entrar para o automóvel reservado ao Ministro da Instrução, com o qual seguem no cortejo, indo também neste automóvel um dos Secretários do Ministro, tenente Denís, e noutro, próximo, o seu Chefe de Gabinete Manuel José da Silva e o Secretário Herculano Seixas.

Realiza-se logo a sessão da Camara Municipal, seguindo, no entanto, o Ministro da Instrução, com o seu Secretário, o Reitor e o Secretário Geral directamente para a Universidade — afim de que haja tempo de organizar a recepção de entrada dos três Generais.

São recebidos — o Marechal Joffre e o General Smith Dorrien — pelo Reitor e professores das

Faculdades, que em cortejo os acompanham ao Paço das Escolas. Chega um pouco mais tarde o Generalíssimo Diaz, que havia ido visitar o quartel de Infantaria 23.

Das 13 para as 14 horas (entre 1 e 2 da tarde) é servido o almôço de gala, ocupando os convidados três mêsas. Presidem à primeira dessas mêsas o Reitor da Universidade e o Ministro da Instrução e tomam nela lugar os três Generais dos Aliados, o Ministro da Guerra, o Dr. Alberto Dias Pereira, como representante do Ministro dos Estrangeiros Dr. Domingos Pereira, o Bispo da diocèse, os oficiais mais graduados das comitivas, os adidos militares, os Directores das Faculdades Universitárias, o Presidente do Instituto, o Governador Civil, o General da 5.ª Divisão, o Presidente da Relação, o Presidente do Senado Municipal de Coïmbra, o Presidente da Comissão Executiva do Município, o Chefe do Estado Maior da Divisão, o Presidente da Sociedade de Defêsa e Propaganda, os Comandantes dos Regimentos de Infantaria 23 e 35, da bateria de Artilharia 2, do Corpo de Metralhadoras, do 2.º Grupo de Companhias de Saúde...

Á 2.ª mesa presidem o Secretário Geral da Universidade de Coïmbra e o Chefe do Gabinete do Ministro da Instrução. Tomam lugar nesta mesa oficiais superiores e subalternos das comitivas.

Presidem à terceira mesa o Presidente da Associação Académica e o capitão Pina Cabral, ajudante do General da Divisão, tomando nela parte oficiais ajudantes dos Ministros da Guerra e da Instrução e outros oficiais subalternos.

Pelas 15 horas realiza-se a sessão solene, tendo descido a ocupar os devidos lugares na Sala dos Actos Grandes aquelas entidades que, havendo assistido ao almôço de gala, não iam figurar no cortejo Académico.

Forma-se êste na ante-sala do Senado Universitário e na sala de entrada, dos Archeiros.

Organiza-se, segundo as praxes, da maneira seguinte:

Rompe na frente a guarda dos Archeiros, alabardas erguidas. Segue-se a charamela, a executar o *hino académico*. Marcha depois o corpo catedrático, indo os professores dois a dois, pela ordem hierárquica das Faculdades, a começar pela menos graduada nessa ordem: Farmácia, Sciências, Medicina, Direito, Letras — com as respectivas vestes e insígnias.

Formam grupo, após os Doutores, os bedéis das Faculdades, no uniforme tradicional, sobraçando as respectivas maças prateadas. Logo atrás dos bedéis caminha o pagem que, numa salva de prata, leva as borlas, anéis e cartas dos três doutorandos. Caminha em seguida o Secretário

Geral e Mestre de ceremónias da Universidade, vestindo hábito talar e empunhando o bastão de prata — insígnia do seu cargo.

Avança então — á direita do professor orador Dr. Pacheco de Amorim — o Ministro da Instrução Pública, representando o Chefe do Estado como Padrinho honorário e apresentante dos doutorandos

Seguem-se, entre o Reitor — à direita, e o Decano Director da Faculdade de Sciências, Dr. Souto Rodrigues — à esquerda, o Marechal Joffre, o Generalíssimo Diaz e o General Smith Dorrien que, nessa qualidade de doutorandos, vão já, segundo o protocolo tradicional, revestidos dos seus capêlos.

Fecha o cortejo o Guarda Mór, com a vara, acompanhado do corpo dos contínuos.

Por esta ordem dá o cortejo entrada na Sala dos Actos grandes (Sala dos Capêlos), onde todas as entidades oficiais e convidados ocupam os respectivos lugares — vendo-se nas tribunas, dentro da teia e na parte inferior dos doutorais, uma numerosa concorrência de senhoras. A parte livre da sala, abaixo da teia, é ocupada em grande parte pelos estudantes, que abrem alas ao cortejo, vitoriando entusiasticamente os três Generais dos Aliados.

A dentro da teia — os Doutores encorporados no cortejo formam, por sua vez, duas alas. Por-

entre estas sobem os degraus do doutoral, a tomar a presidência, o Ministro da Instrução e o Reitor da Universidade. Ocupam duas cadeiras D. João V — talha doirada e veludo verde — erguidas sôbre o estrado de honra e encostadas a um antigo espaldar de veludo vermelho, guarnecido de ouro.

Toma o Reitor a cadeira da esquerda. Á direita do estrado da presidência, no pavimento do Doutoral, em quatro cadeiras iguais, forradas de coiro azul e encostadas a um sitial de damasco também azul celeste (côr da Faculdade de Sciências), sentam-se os três doutorandos e o decano da Faculdade Dr. Souto Rodrigues. Ficam assim os doutorandos entre o Ministro da Instrução e o Decano, tomando a primeira dessas cadeiras o Marechal Joffre e seguindo-se-lhe o Generalíssimo Diaz e o General Smith Dorrien.

Haviam tomado lugar nas duas bancadas do tôpo da sala, à direita do decano de Sciências e à esquerda do estrado da presidência, os Ministros presentes, os convidados de especial graduação (antigos ministros de Estado), os oficiais superiores das comitivas etc.

Os Doutores, que têem subido aos dois lados da galeria da sala — *doutorais* — sentam-se nêstes pela ordem e lugar das faculdades, respeitando dentro de cada Faculdade as precedências de antiguidade. Ficam à direita da presidência as Fa-

culdades de Letras, Medicina e Farmácia; à esquerda, as de Direito e Sciências.

Junto do estrado da Presidência, no plano do *doutoral,* ocupa uma cadeira estofada de damasco azul celeste o professor da Faculdade encarregado do elogio dos doutorandos.

Quando todos se acham nos seus lugares a charamela executa o hino nacional português bem como os hinos inglês, francês e italiano, que são, todos, ouvidos de pé pela assistência.

Passados momentos e havendo os assistentes retomado os respectivos lugares — ergue-se do seu mocho de veludo verde, colocado junto do último degrau da galeria, o Secretário Mestre de cerimónias, e dirige-se ao estrado da presidência para avisar o Reitor de que pode abrir a sessão.

Levanta-se êste, que, segundo a pragmática, traja o hábito talar, sem o capêlo, mas com borla. Lê uma alocução redigida em português, mas cuja tradução francêsa mandara distribuir e de que o Secretário entrega exemplares especiais aos doutorandos.

Cumprimenta, nessa alocução, os gloriosos Generais, acentuando o valor e a significação da sua visita à Universidade de Coïmbra, a qual pela primeira vez confere, *Honoris causa,* a suprema distinção académica. Exalta o papel desempenhado na obra da civilização pelas três grandes nações aliadas, a intervenção destas na Grande

Guerra e a admirável acção dos três Chefes durante a tremenda luta.

Terminada a leitura, toca de novo a charamela.

Convidado pelo Mestre de cerimónias, lê nesta altura o seu discurso o Doutor Diogo Pacheco de Amorim — o mais novo dos professores da secção de Matemáticas da Fculdade de Sciências. Faz desenvolvidamente o elogio dos três Generais, pondo em relêvo os seus méritos, e termina por pedir que lhes seja conferido o grau de Doutor.

Ouve-se de novo a charamela.

Tendo pedido vénia ao Reitor, o Secretário Mestre de cerimónias dirige-se aos três Generais convidando-os a virem perante o mesmo Reitor a fim de recebêrem o grau na Faculdade de Sciências. Confere-lho o Reitor, proferindo a fórmula latina tradicional — sem a invocação religiosa — e dando comissão ao Decano para lhes impôr as respectivas insígnias doutorais.

Discursando em francês, o Decano Doutor Souto Rodrigues congratula-se com os novos Doutores e impõe-lhes as insígnias : *borla* (couronne) e *anel*, dando a explicação do seu simbolismo. Entrega-lhes as cartas doutorais, que têem pendente por um cordão de sêda azul o sêlo universitário, gravado em cêra, encerrado na caixa de prata de molde também tradional. Acaba por abraçar os novos Doutores. Rompe agora, de novo, o *hino*

académico, que continua a ser executado até o fim da cerimónia.

Recebem logo os novos Doutores o abraço do Reitor e o do Ministro da Instrução — representante do Padrinho honorário.

Em seguida — precedidos pelo Secretário Mestre de Cerimónias, acompanhados pelo Decano da Faculdade de Sciências e seguidos do Bedel desta Faculdade — percorrem os *doutorais*, onde vão recebendo os abraços de todos os Doutores das diversas Faculdades, sentando-se por fim entre os seus colegas da referida Faculdade de Sciências.

Reorganiza-se o cortejo — indo, porêm, agora os novos Doutores encorporados com os professores da Faculdade de Sciências. Vão os Ministros da Instrução e da Guerra entre o Reitor e o Director da primeira das Faculdades — a de Letras — seguindo atrás dêste grupo as comitivas e os convidados oficiais.

Encaminha-se o cortejo para a escadaria nobre que desce ao jardim da Universidade — a fim de serem tiradas fotografias dos três Generais, no meio do corpo docente.

Estava terminada a solenidade académica da investidura, à qual vieram assistir alguns professores da Universidade de Lisboa, fazendo-se tambêm representar a Universidade do Pôrto.

Pouco depois da cerimónia — lendo-lhes uma

alocução — o Dr. Costa Lobo, Presidente do Instituto de Coïmbra, ofereceu aos três Generais, na sala do Senado Universitário, o colar da mesma Sociedade, da qual haviam sido eleitos sócios honorários.

Com as suas comitivas retiraram pela tarde de 15 os três Generais: para Lisbôa o General Smith Dorrien, para o Buçaco o Marechal Joffre e o Generalíssimo Diaz.

Dia 18 de Abril (2.ª feira)

Dirige o Reitor Interino, Dr. Oliveira Guimarães, a seguinte proclamação à Academia:

> Congratula-se o Reitor da Universidade de Coïmbra com a Associação Académica e com toda a Academia pela maneira como foram recebidos os gloriosos Generais dos exércitos aliados; porque não podia ter sido, com efeito, mais solícita e correcta a cooperação dos elementos académicos na recepção feita aos três nobres vultos da Grande Guerra.
>
> Partiram estes de Coïmbra extremamente penhorados — devido, numa grande parte, à maneira calorosa e cativante como a Academia os acolheu e festejou.
>
> Significando aos estudantes, em seu nome e em nome da corporação universitária, o mais vivo reconhecimento por essa tão valiosa cooperação e, de modo especial, pela firme e inteligente direcção de alguns serviços atinentes à

manutenção da ordem dentro da Universidade — alimenta o Reitor a grata esperança de que sempre de futuro a Associação Académica e a Academia de Coïmbra se encontrem, como agora, ao lado da Reitoria na missão de honrarem os hóspedes ilustres desta Casa de nós todos — professores e alunos.

Paço das Escolas, em 18 de Abril de 1921. — O Reitor da Universidade, (a.) *Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães.*

TÊRMO DO DOUTORAMENTO

DO MARECHAL DE FRANÇA JOSEPH JACQUES CAESARIUS JOFFRE

NA FACULDADE DE SCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE COÏMBRA

Aos quinze dias do mês de Abril de mil novecentos vinte e um, na Sala dos Actos Grandes da Universidade de Coïmbra, sob a presidência honorária do Excelentíssimo Ministro da Instrução Pública, Doutor Júlio do Patrocínio Martins — que representava, como Patrono do doutorando, Sua Exelência o Presidente da Rèpública, Doutor António José de Almeida — e sob a presidência efectiva do Reitor interino desta Universidade, Doutor José Joaquim de Oliveira Guimarães, recebeu o grau de Doutor, « Honoris Causa », na Faculdade de Sciências, com a solenidade de tradição e cerimónias costumadas o marechal de França Joseph Jacques Caesarius Joffre.

Iniciou a sessão solene o Excelentíssimo Reitor interino lendo uma alocução relativa ao acto, na qual teceu o elogio do doutorando, relembrou os seus feitos, enalteceu a missão do seu país na

obra da civilização moderna e celebrou o papel que êste desempenhou na Grande Guerra.

Em seguida conferiu o mencionado Reitor interino ao Marechal Joseph Jacques Caesarius Joffre o Grau de Doutor na Faculdade de Sciências, pronunciando a fórmula consagrada. Delegou as suas vezes no Excelentíssimo Doutor João José Dantas Souto Rodrigues para, como Director da Faculdade e Padrinho oficial, condecorar com as insígnias doutorais o novo Doutor. O que se praticou, entregando o referido Director da Faculdade de Sciências ao novo Doutor a *borla* e o *anel* e dirigindo-lhe, na forma dos Estatutos, algùmas palavras adequadas ao acto.

Foi orador o professor ordinário da Faculdade de Sciências Doutor Diogo Pacheco de Amorim, que fez o elogio do doutorando, terminando por pedir lhe conferissem o grau e o condecorassem com as respectivas insígnias doutorais.

Serviram de testemunhas os dois professores efectivos da Faculdade mais antigos, dos presentes ao acto — Doutores Francisco Miranda da Costa Lobo e Bernardo Aires.

Assistiram à solenidade, àlêm do corpo docente, dos alunos da Universidade, representados em grande número, e das entidades oficiais ás quais é de uso dirigir convite para tais actos — o Ex.^mo^ Ministro da Guerra, Dr. Álvaro Xavier de Castro, o Ex.^mo^ Dr. Alberto Álvaro Dias Pereira — repre-

sentando o Ex.mo Ministro dos Negócios Estrangeiros — os reverendíssimos Bispo-Conde, D. Manuel Luís Coelho da Silva, e Bispo Auxiliar, D. António Antunes, os oficiais, estrangeiros e nacionais, que formavam as comitivas do Marechal Joffre, do Generalíssimo Diaz e do General Smith Dorrien; havendo ainda numerosa concorrência de convidados particulares.

De tudo, para constar, se lavrou êste assento, que vai assinado pelo Excelentíssimo Reitor interino, pelo Director da Faculdade de Sciências e pelas duas testemunhas da solenidade, depois de subscrito por mim Manuel da Silva Gaio, Secretário Geral da Universidade de Coïmbra.

(aa) *Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães*
João José Dantas Souto Rodrigues
Francisco M. da Costa Lobo
Bernardo Aires.

TÊRMO DO DOUTORAMENTO

DO GENERAL DO EXÉRCITO INGLÊS SIR HORACE LOCKWOOD SMITH DORRIEN

NA FACULDADE DE SCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Aos quinze dias do mês de Abril de mil novecentos e vinte e um, na Sala dos Actos Grandes da Universidade de Coïmbra, sob a presidência

honorária do Excelentíssimo Ministro da Instrução Pública, Doutor Júlio do Patrocínio Martins — que representava, como Patrono do doutorando, Sua Excelência o Presidente da Rèpública, Doutor António José de Almeida — e sob a presidência efectiva do Reitor Interino desta Universidade, Doutor José Joaquim de Oliveira Guimarães, recebeu o grau de Doutor, « Honoris Causa », na Faculdade de Sciências, com a solenidade de tradição e cerimónias costumadas, o General do Exército inglês Sir Horace Loskwood Smith Dorrien.

Iniciou a sessão solene o Excelentíssimo Reitor interino lendo uma alocução relativa ao acto, na qual teceu o elogio do doutorando, relembrou os seus feitos, enalteceu a missão do seu país na obra da civilização moderna e celebrou o papel que êste desempenhou durante a Grande Guerra.

Em seguida conferiu o mencionado Reitor interino ao General Sir Horace Lockwood Smith Dorrien o Grau de Doutor na Faculdade de Sciências, pronunciando a fórmula consagrada. Delegou as suas vezes no Excelentíssimo Doutor João José Dantas Souto Rodrigues para, como Director da Faculdade e Padrinho oficial, condecorar com as insígnias doutorais o novo Doutor. O que se praticou, entregando o referido Director da Faculdade de Sciências ao novo Doutor a *borla* e o

anel e dirigindo-lhe, na forma dos Estatutos, algumas palavras adequadas ao acto.

Foi orador o professor ordinário da Faculdade de Sciências Doutor Diogo Pacheco de Amorim, que fez o elogio do doutorando, terminando por pedir lhe conferissem o grau e o condecorassem com as respectivas insígnias doutorais.

Serviram de testemunhas os dois professores efectivos da Faculdade mais antigos, dos presentes ao acto — Doutores Francisco Miranda da Costa Lobo e Bernardo Aires.

Assistiram à solenidade, àlêm do corpo docente, dos alunos da Universidade, representados em grande número, e das entidades oficiais às quais é de uso dirigir convite para tais actos — o Ex.mo Ministro da Guerra, Dr. Álvaro Xavier de Castro, o Ex.mo Dr. Alberto Álvaro Dias Pereira — representando o Ex.mo Ministro dos Negócios Estrangeiros — os reverendíssimos Bispo-Conde, D. Manuel Luís Coelho da Siva, e Bispo Auxiliar, D. António Antunes, os oficiais, estrangeiros e nacionais, que formavam as comitivas do Marechal Joffre, do Generalíssimo Diaz e do General Smith Dorrien; havendo ainda numerosa concorrência de convidados particulares.

De tudo, para constar, se lavrou êste assento, que vai assinado pelo Excelentíssimo Reitor interino, pelo Director da Faculdade de Sciências e pelas duas testestemunhas da solenidade, depois

de subscrito por mim Manuel da Siva Gaio, Secretário Geral da Universidade de Coïmbra.

(aa) *Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães*
João José Dantas Souto Rodrigues
Francisco M. da Costa Lobo
Bernardo Aires.

TÊRMO DO DOUTORAMENTO

DO GENERALÍSSIMO DO EXÉRCITO DE ITÁLIA ARMANDO DIAZ

NA FACULDADE DE SCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Aos quinze dias do mês de Abril de mil novecentos vinte e um, na Sala dos Actos Grandes da Universidade de Coïmbra, sob a presidência honorária do Excelentíssimo Ministro da Instrução Pública, Doutor Júlio do Patrocínio Martins — que representava, como Patrono do doutorando, Sua Excelência o Presidente da Rèpública, Doutor António José de Almeida — e sob a presidência efectiva do Reitor interino desta Universidade, Doutor José Joaquim de Oliveira Guimarães, recebeu o grau de Doutor, «Honoris Causa», na Faculdade de Sciências, com a solenidade de tradição e cerimónias costumadas, o Generalíssimo do exército de Itália, Armando Diaz.

Iniciou a sessão solene o Excelentíssimo Reitor

interino lendo uma alocução relativa ao acto, na qual teceu o elogio do doutorando, relembrou os seus feitos, enalteceu a missão do seu país na obra da civilização moderna e celebrou o papel que êste desempenhou durante a Grande Guerra.

Em seguida conferiu o mencionado Reitor interino ao Generalíssimo Armando Diaz o grau de Doutor na Faculdade de Sciências, pronunciando a fórmula consagrada. Delegou as suas vezes no Excelentíssimo Doutor João José Dantas Souto Rodrigues para, como Director da Faculdade e Padrinho oficial, condecorar com as insígnias doutorais o novo Doutor. O que se praticou, entregando o referido Director da Faculdade de Sciências ao novo Doutor a *borla* e o *anel* e dirigindo-lhe, na forma dos Estatutos, algumas palavras adequadas ao acto.

Foi orador o professor ordinário da Faculdade de Sciências Doutor Diogo Pacheco de Amorim, que fez o elogio do Doutorando, terminando por pedir lhe conferissem o grau e o condecorassem com as respectivas insígnias doutorais.

Serviram de testemunhas os dois professores efectivos da Faculdade mais antigos, dos presentes ao acto — Doutores Francisco Miranda da Costa Lobo e Bernardo Aires.

Assistiram à solenidade, àlêm do corpo docente, dos alunos da Universidade, representados em grande número, e das entidades oficiais às quais

é de uso dirigir convite para tais actos — o Ex.^{mo} Ministro da Guerra, Dr. Álvaro Xavier de Castro, o Ex.^{mo} Dr. Alberto Álvaro Dias Pereira — representando o Ex.^{mo} Ministro dos Negócios Estrangeiros — os reverendíssimos Bispo-Conde, D. Manuel Luís Coelho da Silva, e Bispo Auxiliar, D. António Antunes, os oficiais, estrangeiros e nacionais, que formavam as comitivas do Marechal Joffre, do Generalíssimo Diaz e do General Smith Dorrien; havendo ainda numerosa concorrência de convidados particulares.

De tudo, para constar, se lavrou êste assento, que vai assinado pelo Excelentíssimo Reitor interino, pelo Director da Faculdade de Sciências e pelas duas testemunhas da solenidade, depois de subscrito por mim Manuel da Silva Gaio, Secretário Geral da Universidade de Coïmbra.

(aa) *Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães*
João José Dantas Souto Rodrigues
Francisco M. da Costa Lobo
Bernardo Aires.

DISCURSO

DO

DOUTOR OLIVEIRA GUIMARAES

REITOR DA UNIVERSIDADE

SENHORES :

A Sapiente Minerva, a quem no alto desta colina, que por mais de um título recorda a sua predilecta Acropole, um grande rei ergueu, há quási sete séculos, êste templo de Sabedoria, para orientar a vida intelectual do povo português, não se sentiria certamente zelosa, se por um instante lhe transformassem o seu luso Partenon, destinado a coroar os vencedores das lutas incruentas do espírito, em um belicoso Capitolino, onde subissem para receber as honras do triunfo alguns dos mais gloriosos pioneiros da maior guerra de todas as épocas.

Ela, a deusa pacífica, que tão dedicadamente ama a Sciência que constroe como cordialmente detesta a guerra que destroe, não ignorava que os seus louros não serviriam para coroar sacrí-

legamente guerreiros orgulhosos e desumanos, que, apenas em nome do direito da fôrça, tivessem tentado imolar a monstruosos planos de dominação e de rapina as sagradas liberdades de povos, que tinham iluminado o mundo com os fulgores da mais brilhante civilização dos tempos.

Isso seria a maior e a mais perversa das abominações.

Bem ao contrário, ela sabia que êsses louros serviriam para engrinaldar a fronte gloriosa de soldados leais e generosos, que tinham desembainhado contrariadamente a sua espada redentora para consolidar a fôrça do Direito, para salvaguardar a liberdade do mundo e defender os produtos da sua civilização.

E isso era um acto de pura e nobre justiça.

Mas nós não estamos, Senhores, no Capitólio, nem os nobres soldados que se dignam aceitar as homenagens de Minerva, aqui subiram para receber as honras do triunfo.

Essas, já há muito lhas concedeu a consciência universal, no altar dos corações agradecidos, pela voz da História que consagra os heróis, no vasto templo da terra, teatro dos seus triunfos, sob a abóbada azulada onde a harmonia das esferas canta a eterna glória de Deus.

A Universidade de Coïmbra que hoje, apesar da sua já longa e honrosa história, regista talvez

o mais glorioso dia da sua existência, apenas vem realizar um acto de coerência e cumprir um dever de justiça, infelizmente bem modesto e simples, conferindo pela primeira vez o título de honra do seu mais alto grau académico aos primeiros grandes obreiros da Vitória dos Aliados que a visitam: o glorioso Marechal de França, Joseph Jacques Basilaire Joffre, primeiro comandante chefe das tropas portuguesas em França, a que pertenceram muitos dos seus estudantes; o ilustre Generalíssimo italiano, Armando Diaz, em cujas veias corre o mais generoso sangue português e o nobre General Horace Smith-Dorrien, representante da nossa velha aliada, a Inglaterra.

Permita-se que sinalando estas circunstâncias, igualmente queridas ao nosso pátrio sentimento, eu intente dar a esta consagração, que é realmente internacional, o aspecto simbólico de uma homenagem nacional. Desejamos envolver os três gloriosos chefes por um mesmo forte e impetuoso sentimento, fundí-los ao calor do nosso afecto em uma mesma realidade ideal, a que rendemos comovidamente a mesma calorosa e sentida homenagem.

Manteremos assim, erguida às regiões do ideal, na hora feliz que consagra a vitória, aquela mesma adorável unidade que nos ligou nas horas amarguradas, em que nos ameaçou o perigo. Assim

eu consagra-los-hei em um só movimento de pensamento, embora em tempos diferentes na dicção.

SENHORES:

O Marechal Joffre não é para nós sómente o genial chefe que comandou a gloriosa retirada de Charleroi e, tendo apenas à sua disposição um exército quási improvisado, soube admirávelmente aproveitar-se da tradicional valentia dos seus soldados, e do seu assinalado espírito de sacrifício, para quebrar na linha de Ourcq à Lorraine a monstruosa invasão alemã; como não é apenas o admirável estratégico que escrevendo com o sangue generoso da França a mais bela e admirável página da história militar do mundo, salvou ao mesmo tempo a liberdade das nações.

Não é ainda exclusivamente o sereno comandante que tendo maravilhosamente calculado em que momento preciso o bravo heroismo da França poderia vencer, expondo o peito à metralha, a imprudência audaciosa do orgulho teutónico, lançou, na hora exacta, matemática, rigorosa, em 6 de Setembro de 1914, esta imortal proclamação, à obediência da qual se deveu o triunfo do Marne: «Au moment où s'engage une bataille dont depend le salut du pays, l'heure n'est plus de regarder en arrière... Coûte que coûte il faut se tuer sur place

plutôt que de reculer»; não é finalmente apenas o artista paciente da vitória que tendo organizado metódicamente, sistemáticamente, sob o fogo da metralha, os recursos de defesa da França e de seus aliados, logrou contrapôr à complicada maquinaria e organização alemãs, orígem dos seus sucessos de início, uma maquinaria ainda mais perfeita e uma organização ainda mais apurada, que como conseqüência final teve a vitória definitiva dos Aliados.

A acção do Marechal Joffre foi na grande guerra tão extraordinária que, se porventura a concepção positiva do mundo, que a Sciência formulou, se pudesse compadecer da fantasiosa efabulação da mitologia helénica, bem necessário se tornaria alargar prodigiosamente a estrutura épica, desde que à tuba sonorosa do exâmetro homérico se quizesse entregar a sua consagração literária.

Difícilmente se encontrariam na côrte do Olimpo recursos necessários para constituir a traça maravilhosa dêsse episódio a que, por singularmente extraordinário, se convencionou ingénuamente intitular o milagre do Marne. Com toda a verdade por isso dessa batalha dizia um autorizado crítico português «A vitória do Marne demonstra não só a superioridade do combatente, mas principalmente a superioridade da doutrina de guerra francesa. É uma obra prima de Arte».

Mas neste momento o Marechal Joffre excede-se a si mesmo, porque representa alguma coisa que ainda é maior do que o próprio vencedor do Marne. Representa a França, a bela e imortal França por quem também vertemos o nosso sangue em holocausto à fé dos nossos tratados, às tradições da nossa raça e aos interêsses da nossa civilização. E a França não é tão sòmente para os portugueses a altiva Gália de Júlio Cesar, o berço heróico de Joana d'Arc, o domínio glorioso de Henrique IV, o palco a um tempo sinistro e grandioso da Revolução, a pátria de Victor Hugo e dos heróicos vencedores da grande guerra: a mais viva, espiritual e grandiosa representante do génio latino em todos os tempos.

A França é para nós mais alguma coisa, se é possível: ela é a nossa mãe espiritual.

Foi da concepção mística das cruzadas do Ocidente que no espírito de um dos seus filhos, o conde D. Henrique surgiu a ideia da fundação da nossa nacionalidade; foram os trovadores de Provença que ensinaram os nossos primeiros guerreiros a pôr nos seus lábios, nos intervalos das pelejas, quando ao seu pensamento acudiam imagens suaves de donas enamoradas, essas meigas e deliciosas canções por cujo brando eflúvio se amaciaram as rudezas dos seus arcaboiços de gigantes; foi porventura por insinuação de qualquer dos mestres francêses do nosso grande

rei trovador que nasceu o pensamento da criação desta Universidade, como foi sem dúvida da acção bem marcada dos seus grandes pensadores e reformadores do século XVIII, que entre nós surgiu uma reacção literária e social, suficientemente forte, tanto para banir os excessos de um classicismo dessorado e os vícios de uma organização política monstruosa, como para a reorganização desta Universidade, tanto sob o aspecto material que estamos contemplando, como sob o ponto de vista espiritual que tanto a enobrece.

Até mesmo quando — porque não o dizer — no delírio de um fantasiado sonho imperialista, o desvairamento da sua política a obrigou a ofender a nossa independência, o destino, que nem sempre é cego, se encarregou de tornar maiores os benefícios que nos trouxe do que os males que nos causou.

O exército de Napoleão devastou o nosso país; mas nas pregas das suas bandeiras, no retinir dos seus clarins, no coração dos seus soldados aninhavam-se, ocultavam-se, ardiam os grandes ideais da liberdade, da igualdade, da fraternidade. E esses ideais, aquecidos ao sol peninsular, germinaram, reproduziram-se, tornaram-se caule e arbusto e por fim árvore frondosa, e foi coroados das suas flores e inebriados por seus aromas, que, cabeça ao vento, coração ao alto,

nós caminhamos afoitamente à conquista dos gloriosos destinos da nossa raça.

Eu saúdo comovidamente a eterna França, cuja história é o ritmo admirável de um destino secular, que nos apresenta uma nação que, de perigo em perigo, caindo e erguendo-se de seguida, avança sempre e indefectìvelmente na rota do progresso e da perfeição.

SENHORES:

O Generalíssimo Diaz não é também sòmente para nós a maior figura do glorioso exército italiano e uma das maiores de todos os exércitos aliados; o genial estratégico que organizou a a retirada do Caporeto que ficou assinalada na História por inúmeros golpes de audácia, de sublime desprendimento, de louco heroismo, de admirável tactica. Não é também apenas o hábil e paciente reorganizador do exército italiano, o chefe previdente e arguto que tendo bem compreendido que a guerra tal como a concebiam os inimigos era mais uma empresa metalúrgica do que uma epopeia de heroismos, procurou por todos os meios pôr ao serviço da Vitória os largos recursos da florescente indústria italiana, e, tendo conseguido admiràvelmente o seu propósito, organizou as suas posições estratégicas com tanto engenho, industriou os seus valentes cola-

boradores com tanta perícia que, quando se feriu a grande batalha de Vitório Veneto não pôde o inimigo, a despeito de todos os auxílios recebidos, evitar que fôsse cortado, rechaçado e por fim completamente destruído e em fuga o seu exército. Todos os que conhecem a história da grande guerra sabem bem em quanto contribuiu para a vitória final dos aliados a intervenção decisiva da Itália, como conhecem as maravilhosas façanhas do seu exército sob o comando supremo de Diaz. É bem notório com que galhardia e com que valor o exército italiano soube responder com a vitória às desdenhosas frases com que os seus despeitados inimigos tentaram diminuir o alto valor da sua participação na guerra ao lado dos Aliados.

Mas exactamente como o Marechal Joffre, o generalíssimo Diaz excede-se também a si mesmo neste momento. Não é só o vencedor de Vitório Veneto; é também o representante da Itália. E quando êste nome sôa aos nossos ouvidos com aquela sonoridade que lhe empresta a gama orquestral da divina linguagem dos sucessores dos romanos, o nosso cérebro povoa-se imediatamente de uma multidão de imagens de tão alta beleza intelectual e moral, que exprimí-las o mesmo será que enfeixar estrofes da mais pura e acrisolada admiração pelo povo que deslum-

brou o mundo, tanto pelas grandezas da sua concepções políticas, com pela exuberância das suas criações artísticas; tanto pelos fulgores do seu poderio imenso, como pelo heroismo das suas armas tantas vezes triunfantes; povo que em toda a sua continuidade histórica, umas vezes vencedor outras vencido, ficou sempre igual a si mesmo pela fecundidade inesgotável do seu génio.

Muito lhe devemos.

A França tinha ensinado os nossos rudes guerreiros a exprimir os sentimentos simples das almas sensíveis, a ternura que nos causa o sorriso de uma criança, o inebriamento que nos provoca o perfume de uma flôr, as formas primitivas da expressão estética; mas os requintes de arte com que se pode testemunhar toda a emotividade foram-nos trazidos de Itália por Sá de Miranda, e dêsse primeiro impulso, e ao sopro da Renascença, criamos uma literatura que tornou glorioso o século de Camões.

Também já sabíamos navegar, mas não nos faltaram de Itália poderosos estímulos para os arrojos da nossa epopeia marítima.

Excedemos os mestres, e com o glorioso antepassado do Generalíssimo Diaz, o nosso imortal Bartolomeu Dias desvendamos mundos e descobrimos novos mares, novas terras e novos astros. Tremulou nossa bandeira nos confins da terra,

onde se aperta o Eritreo, onde se impola o Indo, onde se esconde o Nilo, onde se espraia o Ganges, onde se precipita o Mecon, onde espuma e sôa o Cambodge, onde se dilata o Amazonas; sulcaram as nossas caravelas todos os mares e chegaram lá até onde se acende o Equador, onde se tempera e amacia o Câncer, onde se congela o Antártico; brilharam as nossas armas em fabulosas regiões, onde se fertiliza o Industam, onde se embalsama o Ceilão, onde os Andes sobem às nuvens, e o Congo adusto referve impetuoso.

Saúdo a Itália, a doce Itália, pátria amorosa de artistas, santos, poetas e heróis; a grandeza material da Roma antiga, o explendor da Renascença, a maravilhosa unificação de Victor Emmanuel, a grande Itália de hoje, a soberba dominadora do Adriático e do Tirreno.

Senhores:

Deixei muito propositadamente para o fim a referência a fazer ao ilustre Sr. General Smith-Dorrien, governador de Gibraltar, que foi um dos mais valiosos colaboradores do general French, comandante do primeiro corpo expedicionário inglês que no continente se bateu contra os violadores da neutralidade da Belgica. O nobre general, cuja carreira militar é, desde a guerra

contra os Zulos em 1879 a Paardeberg em 1900, uma série contínua de heróicos feitos, tomou parte na batalha do Marne onde desempenhou sob as ordens do Generalíssimo Joffre uma acção decidida.

Êsse pequeno corpo, que ao despeito do Kaiser arrancou frases de desdem, escreveu com o sangue generoso dos seus soldados uma das mais brilhantes páginas da história do exército inglês e ficará para sempre na memória das nações como um pródromo de glória. O General Dorrien representa aqui a grande Inglaterra, a nossa velha e fiel aliada.

Será difícil, Senhores, encontrar na história política do mundo exemplo de uma aliança tão firmemente mantida como a que desde 1373 foi pactuada entre Eduardo III de Inglaterra e Fernando I de Portugal e perdurou, sem uma defecção, até hoje.

Teem sido tão afectuosas e íntimas as relações estabelecidas através dos séculos entre as duas nações, tão decidido o apoio recíproco que os dois países se teem prestado nos momentos difíceis da sua vida, que, apesar de profundamente diferenciados pela raça, pelas tradições e pela língua, por muitas vezes, tanto na paz como na guerra, se teem indentificado tanto nos ideais como nos interêsses.

Quando a Alemanha nos declarou a guerra,

dirigiu-nos no documento que a proclamou um grosseiro e violento insulto chamando-nos vassalos da Inglaterra. A frase era altamente gravosa, mas não nos ofendeu. Nós sabíamos bem que o povo orgulhoso e sanguinário que erigiu a rapina em direito e reputou legítima a felonia, considerando os tratados como «pedaços de papel inútil», não podia compreender que a fé prometida aos tratados era tão sagrada e inviolável como os juramentos feitos no santo nome de Deus. Mas nós que há quási 6 séculos tínhamos pactuado com a Inglaterra que havíamos de ser «recìprocamente amigos para os amigos e inimigos para os inimigos, que nos auxiliaríamos, manteríamos e sustentaríamos um ao outro, por mar e por terra, contra todos os homens presentes e futuros e contra os seus países, reinos e domínios» e sempre e em todos os tempos honrámos a nossa palavra, não trepidámos, e cerrando fileiras, partimos imediatamente, apercebidos ao sacrifício, para nos batermos ao lado da Inglaterra, na terra bemdita da França, pelo Direito e pela Justiça.

É assim que nós compreendemos os deveres da honra.

A guerra trouxe-nos mortes, ruínas, sacrifícios sem conta, mas estamos bem com a nossa consciência de povo culto e civilizado, por termos nela tomado parte.

Por isso com a voz potente que vem dos imos do passado, desde Aljubarrota à Campanha Peninsular, onde combatemos lado a lado, eu saúdo a Inglaterra, de cuja antiga e fiel Aliança somos orgulhosos; o país admirável que, apesar do seu culto pelo passado, é a maior democracia do mundo, onde todas as ideias alevantadas teem curso, todas as aspirações nobres esperança, e todos os princípios justos uma ajustada fórmula; a grei ilustre de filósofos, poetas, sábios e estadistas, que atingiram as mais elevadas culminâncias do génio humano; a pátria de Shakespeare, Milton, Darwin, Spencer e Gladstone; o povo de rijo carácter, de severa moral e nobre educação que aos princípios colonisadores logrou dar a mais elevada expressão de humanidade e aos conceitos éticos o mais justo fundamento; eu saúdo no seu altivo rochedo, onde preside à paz do mundo, a grande, a gloriosa e sempre invencível Inglaterra.

DISCURSO

DO

DOUTOR DIOGO PACHECO DE AMORIM

Acabada finalmente a guerra e reduzidas à impotência as águias da imperial Alemanha, apressaram-se as nações beligerantes a reparar suas perdas, a erguer do chão suas ruínas fumegantes, não descurando no meio de tantos cuidados e labutas, a honra dos seus heróis, vivos ou mortos.

Passada a hora do sacrifício para os povos, era chegada a da recompensa para os triunfadores.

E as nações aliadas que na guerra tinham unido seus esforços contra o mesmo inimigo, fundiram na paz os corações para homenagear em comum os filhos queridos da vitória.

Fôra de todos o triunfo, de todos eram os heróis. Assim o entendeu Portugal associando-se às grandes consagrações feitas pelas nações amigas; assim o entenderam as nações nossas aliadas associando-se às homenagens por nós prestadas aos nossos heróis desconhecidos.

A esta cativante correspondência de afectos deveu Portugal a honra de ver encorporados no cortejo da Batalha três chefes militares que na grande guerra se cobriram de glória: O Marechal Jofre, O Generalissimo Diaz e o Major General Sir Horace Smith-Dorrien.

Anunciada a visita de Suas Ex.as a esta cidade de Coimbra, quiz a nossa antiga e gloriosa Universidade aproveitar o feliz ensejo para conceder a tão ilustres visitantes o grau de doutor em Sciências Matemáticas.

Nada mais apropriado tínhamos na nossa terra e na nossa mão para ofertar a tão ilustres militares do que o grau de doutor numa sciência que é a mais segura e penetrante auxiliar da arte da guerra.

Coube-me a mim, por ser o mais novo da minha Faculdade, a difícil missão de fazer, perante um auditório tão selecto, o elogio académico dos ilustres doutorandos. E quiz o destino que mais uma vez o mais novo, fôsse tambêm o menos idónio para levar a bom termo tão pesado encargo.

Mas não me peza por isso.

Não se carece de uma voz eloqùente num momento e num lugar onde sobram as graças da formosura, as galas da mocidade, as scintilações da sciência, a majestade das togas, o brilho das condecorações e das espadas.

Não se carece de uma voz eleqüente numa sala onde tudo nos fala ao coração e à alma.

Sente-se que pairam no ar, atraídas pela solenidade do momento, as sombras imperessíveis de todos quantos por aqui passaram, deixando gravado nas páginas da História Pátria, o cunho de um nome imorredoiro.

E até os quadros daquela galeria parecem abertos em tribunas, de onde as figuras venerandas dos nossos monarcas assistem comovidas às homenagens que estamos prestando aos salvadores da civilisação latina!

Quando a eloqùência das coisas nos invade a alma com tal ímpeto, não deixa lugar aberto para a eloqùência dos homens.

Não me peza pois, como dizia, a falta de eloqùência que se não carece dela aqui.

E se a minha deficiência não faz míngua, tambem não fará excesso, porque vou principiar e serei breve.

Meus Senhores:

Se o valor relativo das causas se mede pela importância dos seus efeitos, é manifesto que a mais insigne de todas as artes é a arte militar.

Na verdade foi ela que decidiu sempre dos destinos do Mundo quer o consideremos repartido

em nacionalidades, quer diferenciado em classes sociais.

Emquanto os homens forem o que são, interesseiros e egoístas, soberbos e ambiciosos, a sorte das nações há de jogar-se nos campos de batalha, onde a arte da guerra decidirá, em última instância, dos seus destinos.

Esta alta finalidade da arte militar traz como conseqüência o predomínio das classes que com ela mantiverem um contacto mais íntimo.

E emquanto esta arte fôr o que hoje é, complexa aplicação de todas as sciências e artes humanas, as élites sociais não poderão deixar de ser constituídas pelas classes intelectuais.

É nesta comunhão de interêsses que se funda a recíproca estima que tem unido as armas e as letras em todos os povos cultos dos tempos antigos e modernos.

A esta recuada tradição de bom entendimento, há a acrescentar ainda o facto de hoje em dia se não poder ser um grande chefe militar sem se ser ao mesmo tempo um consumado homem de sciência.

Nos traços biográficos que vou ter a honra de vos ler, tereis ocasião de ver exemplificada, de um modo excepcionalmente brilhante, a afirmação que acabo de fazer.

Cesário José Jaques Jofre, Marechal de França,

nasceu em Rivesaltes, cidade do Rossilhão em 12 de Janeiro de 1852, tendo portanto, actualmente, sessenta e oito anos de idade. Freqùentou os preparatórios do liceu em Perpignan, onde concluíu com prémio todas as cadeiras de Matemática e Desenho.

De muito novo lhe notaram seus mestres aquela vocação para as sciências matemáticas que o havia de levar à Escola Politécnica com dezassete anos incompletos. É de notar que a admissão nesta Escola constitui a maior distinção a que pode aspirar em França um estudante de Matemática.

Estava prestes a acabar o 1.º ano do seu curso quando se declarou a guerra de 70, sendo então promovido a alferes de engenharia e colocado ao serviço num forte da praça de Paris, tomando parte na defesa heróica desta cidade.

Promovido a capitão aos vinte e quatro anos, foi neste posto para a Indo-China, batendo-se brilhantemente no Tonkin. A sua conduta foi tão notável no campo de operações da Ilha Formosa que o almirante Courbet o propôs para ser agraciado com o grau de Cavaleiro da Legião de Honra.

Encarregado de dirigir os trabalhos de fortificação do Alto-Tonkin, depois de terminada a guerra, chamado à metrópole em 1888 e promovido a major, foi Jofre colocado ao serviço no

regimento de engenharia de Versailles, sendo-lhe confiada a regência da cadeira de Fortificação na Escola Militar de Fontainebleau passados dois anos.

Quatro anos mais tarde partia Jofre para o Senegal, com o encargo de dirigir a construção de uma linha férrea.

Encarregado incidentalmente do comando de uma coluna de mil homens destinada à ocupação da cidade de Tubuctu, houve-se o major Jofre com tal prudência e bravura que foi promovido a tenente-coronel por distinção e agraciado com o grau de oficial da Legião de Honra.

De regresso à França, a alta competência do tenente-coronel Jofre indigitou-o para secretário da comissão de inspecções. Promovido a coronel em 99, partia Jofre para Madagascar com o encargo de organizar as defezas da parte setentrional da Ilha; e por tal forma se desempenhou desta missão que as obras realisadas na Baía de Diogo Soares ficaram celebres na história da engenharia militar francesa.

Promovido a general de brigada em 1901, director da Arma de Engenharia em 1902, general de divisão em 1904, era-lhe confiado em 1905, aos 53 anos de idade, o comando da 6.ª divisão de Infantaria, com sede em Paris.

Sucessivamente presidente da comissão dos caminhos de ferro, da dos arquivos e da dos tra-

balhos geográficos, é o general Jofre elevado, em 1910, à categoria de membro do Conselho Superior de Guerra, ficando a ser o mais novo de tão alta corporação.

E foi precisamente esta circunstância de ser o mais novo que, ao invez do que é costume nas coisas militares, o indigitou para Chefe do Estado Maior General.

Esta alta situação dava-lhe a categoria de generalíssimo em caso de guerra e impunha-lhe a obrigação de preparar o país para essa terrível eventualidade.

Infelizmente para a França e para os Franceses, não estava só nas mãos do chefe do Estado Maior General a sua preparação para a guerra, porque para tanto se exigiam recursos que a nação tinha de sobra mas que nem sempre a classe civil cedeu à militar nas proporções que as circunstâncias reclamavam.

Desta insuficiência de recursos resultou vêr-se o Generalíssimo, iniciada a guerra, na impossibilidade de guarnecer convenientemente toda a fronteira de Nordeste, só lhe sendo possível cobrir convenientemente aquela parte que maiores probabilidades tinha de ser atacada.

Sucedeu, porém, que a invasão se deu um pouco mais ao Norte do que era de esperar e com tal violência que as tropas francesas não puderam evitar os reveses de Charleroi.

Com as fôrças do seu exército desequilibradas pela excentricidade do ataque inimigo; com os oficiais desorientados pelo aspecto imprevisto que as perfeições da sciência e da arte estavam dando à nova guerra; com o moral das suas tropas deprimido pelos reveses sofridos; com a primeira linha insuficientemente forte para poder resistir ao ímpeto do invasor; o generalíssimo Jofre, poucos dias volvidos sôbre o rompimento das hostilidades, viu-se a braços com as dificuldades mais ingentes que a crueza da fortuna pode opôr ao talento de um chefe militar.

O génio revelado pelo generalíssimo ao resolver tantas e tão imprevistas dificuldades, pedindo a uma sábia retirada o tempo necessário para reforçar a ala esquerda dos seus exércitos com uma massa de tropas que se deslocariam seguindo linhas perpendiculares à direcção do movimento geral de recuo e ao mesmo tempo reforçando a linha de resistência ao invasôr, procedendo, não como até então se fizera desde a batalha de Zama, pelo avanço das reservas, mas adicionando às fôrças da rectaguarda as que estavam mais próximas do inimigo; a estoica serenidade com que êste plano foi executado, levando as tropas anglo-francesas à gloriosa jornada do Marne, tudo isto merece ao ilustre Marechal Lord French estas palavras memoráveis: «Quanto ao aspecto tactico da Batalha do Marne, eu creio que

o nome do marechal Jofre passará à posteridade, com a recordação desta batalha, como um dos maiores homens de guerra da História».

Assim fala do vencedor do Marne aquele inglês tão ilustre como modesto que de si e das suas tropas que no Marne se cobriram de glória, apenas diz: «Com respeito às fôrças britânicas, eu julgo que nós cumprimos a tarefa que nos fôra marcada».

Impossibilitados de envolver no Marne as tropas franco-britânicas, como era seu objectivo, os alemães procuraram dar a Noroeste o golpe que no Marne lhes falhara. Repetiram-no em Aisne, no Some, em Arras, no Iser, em Ypres, e tantas vezes o tentaram quantas derrotas sofreram. Convencidos da impossibilidade de alcançar o seu objectivo, os alemães agarram-se ao terreno, fazendo a guerra de trincheiras.

A partir dêste momento, o claro espírito do generalíssimo compreendeu que os impérios centrais estavam na situação de uma imensa praça assediada que só poderia ser vencida no dia em que as nações aliadas se concertassem para uma acção de conjunto.

Concebida a ideia da unidade de acção, o generalíssimo empregou todos os seus esforços para a ver realizada o mais cedo possível.

A autoridade que ao generalíssimo davam as

vitórias alcançadas, a finura do seu trato pessoal, o prestígio do seu saber, tudo concorreu para que em meados de 1916 essa unidade de acção desse os primeiros frutos com a vitória do Some, cujos assombrosos efeitos sôbre o exército alemão, só depois de finda a guerra foram bem conhecidos.

Da unidade de acção à unidade de comando mediava um passso. Dado êle, consumou-se a Vitória.

Em recompensa de tão assinalados serviços, a França concedeu ao generalíssimo a dignidade de Marechal, a Academia Francesa acolheu-o no seu seio; a Inglaterra recebeu-o oficialmente como seu hospede e o Mundo inteiro curvou-se de respeito perante a grandeza épica dos seus feitos.

*

* *

Sir Horace Smith-Dorrien, concluida com o maior brilhantismo a sua carreira académica, alistou-se no exército britânico em 1876. Dois anos depois bateu-se heroicamente na África do Sul contra os Zulos, sendo um dos poucos sobreviventes da batalha de Isandhwana. Em 1882 ajudou a sufocar no Egito a revolução nacionalista capitaneada por Arabi-Pachá.

Em 1884 tomou parte na expedição do Nilo

que partiu em socorro do general Gordon, governador do Sudão. Em 1885, fez a campanha de Suakin, na Nubia. Em 1887-88 tirou o curso do Estado Maior em Inglaterra. Em 95 fez a campanha do Chitral, ao norte do Industão.

Nos anos de 1897 e 1898 fez a campanha contra os afudis. Neste mesmo ano de 1898 acompanhou Lord Kitchner na expedição do Egito que terminou com a batalha de Omdurman. Fez toda a guerra do Transvaal, desde 1899 a 1901.

Debaixo do comando de Lord Roberts tomou parte na batalha de Paardeberg que obrigou a capitular as tropas do general Cronge. Com tal bravura se houve Sir Horace Smith-Dorrien nesta batalha que foi promovido por distinção a major-general.

De regresso a Inglaterra, foi nomeado comandante em chefe das tropas de Aldershot em 1907, assumindo em 1912 a chefia do comando militar do Sul, situação em que se encontrava quando se declarou a guerra em 1914.

Resolvida pelo governo de Sua Magestade Britânica a colaboração das tropas inglesas com as francesas na Flandres, foi incumbido o Marechal Sir John French de organizar o corpo expedicionário que desembarcou em Bolonha no dia 14 de Agôsto de 1914.

Dividiu Sir John French o corpo expedicionário do seu comando em dois corpos de exército, con-

fiando o comando do 1.º a Sir Douglas Haig e o do 2.º a Sir James Grierson, sendo o comando da divisão de cavalaria confiado ao Major General Allenby.

Sucedeu, porém, que o comandante do 2.º corpo de exército faleceu repentinamente dias depois do desembarque em França e o govêrno de Sua Magestade Britânica houve por bem confiar o comando vago ao major general Sir Horace Smith-Dorrien.

Na qualidade de general comandante do 2.º corpo de exército das tropas inglesas, foram notáveis os serviços prestados por Sir Horace Smith-Dorrien na retirada de Mons e notabilíssima a parte que tomou nas gloriosas batalhas do Marne, do Aisne e de Ypres.

Quando os reforços vindos de Inglaterra permitiram a Sir John French a organização de dois exércitos, foi o comando do 1.º entregue a Sir Douglas Haig e o do 2.º a Sir Horace Smith-Dorrien (noite do Natal de 1914).

A epopeia vivida pelo exército inglês nestes cruéis dias de 1914 e nos que se lhe seguiram em 1915, tendo de se bater durante longos meses em inferioridade de número, de material e de munições, mostrou bem serem as tropas de Lord French dignas continuadoras das tradições gloriosas das tropas de Welington, no expressivo dizer do ilustre Marechal Foch.

Sucedia porém, que a opinião pública e o govêrno se mantinham apáticos perante os ensinamentos da guerra no que dizia respeito a material e munições, e esta apatia ameaçava prolongar uma crise que podia acarretar a perda total dos exércitos britânicos.

Para quebrar esta indiferença o Feld Marechal teve de tomar uma atitude que lhe havia de arrastar a perda do seu comando e com ela o desfazer de muitos sonhos de glória...

Não falta quem arrisque pela Pátria a fortuna, a saúde, a mocidade e a vida. Mas arriscar-lhe a glória há pouco quem o faça, porque para tão grande sacrifício não há compensação.

Fê-lo o Feld-Marechal Lord French, debaixo de cujo comando se cobriram de glória no Marne, no Aisne e em Ypres, as tropas inglesas e seus ilustres generais, de entre os quais se destaca com especial relêvo a nobilíssima figura de Sir Horace Smith-Dorrien.

Sua Ex.ª representando neste lugar a nossa querida aliada, a Grã-Bretanha, amiga de infância da Pátria Portuguesa; Sua Ex.ª representando neste momento a Inglaterra que fundiu seu sangue com o nosso nos campos gloriosos de Aljubarrota; Sua Ex.ª representando nesta solenidade o grande Império Britânico que tão nobremente se lançou na grande guerra, arriscando a sua integridade para defender a honra dos contratos

que é a honra dos homens e a das nações; Sua Ex.ª por todos estes títulos tem direito às mais subidas homenagens da nossa alma, aos mais calorosos hinos dos nossos corações.

*
* *

Depois de ter freqüentado com notável brilho os cursos de Artilharia e do Estado Maior e de ter regido com proficiência rara várias cadeiras da Escola de Guerra italiana, mostrou o generalíssimo Armando Diaz na campanha da Lidia que às suas qualidades de inteligência e de saber, a natureza acrescentara preciosos dotes de valor e de comando.

Major general à data do rompimento das hostilidades, de tal sorte se houve no seu posto de honra durante os primeiros tempos da guerra que, aberta a crise do comando no exército de Italia, foi Armando Diaz incumbido da direcção suprema das tropas de Victor Manoel.

Era difícil, verdadeiramente crítico, o momento em que o Major General Diaz assumia o comando supremo.

O exército italiano, fundamente minado por uma propaganda dissolvente adrede fomentada pelos austríacos; desmoralizado pela súbita mudança da sorte que o surpreendera com uma

sangrenta derrota, após dois anos de ininterrutas vitórias; o exército italiano materialmente desorganizado e enfraquecido pelo revés de Caporeto e pela retirada que se lhe seguiu desde a fronteira até ao Piave, achava-se em circunstâncias tão difíceis que só o valor inexcedível do seu novo comandante lhe podia revigorar o corpo e a alma, e restituir-lhe aquela têmpera de novo revelada na gloriosa batalha de Vittorio Veneto e na fulminante ofensiva que se lhe seguiu.

Tão fulminante que a 4 de Novembro de 1918, dez dias depois de começada, o generalíssimo Dias podia dizer às suas tropas e ao Mundo «que a guerra contra os austro-húngaros estava acabada».

E na verdade assim era. Sete dias depois, os alemães pediam o armistício.

O generalíssimo Armando Diaz, assumindo o seu comando com a Pátria invadida, com a destruïção do património artístico do seu país que é o mais sagrado orgulho da sua raça, já iniciada nos frescos admiráveis de Tiepolo, o generalíssimo Diaz, diziamos, houve-se com tal bravura e génio militar que acrescentou um brilho novo ao nome daquêle português ilustre que pela vez primeira dobrou o Cabo das Tormentas.

*

*   *

Esbóçados, ainda que mal, os nobres perfís dos ilustres doutorandos, não chegou ainda ao fim a minha tarefa, ao contrário do que sucedeu à vossa paciência; porque não podia terminar esta oração, sem me referir, com o merecido carinho, a Sua Ex.ª o Senhor Presidente da República que tão gentilmente se dignou honrar mais uma vez esta Universidade, associando-se, na qualidade de Padrinho, a esta nossa homenagem.

Através da multidão quási infinita das opiniões e das crenças em que se pulveriza a nossa sociedade, aparece como excepção rara um ponto em que todos os portugueses estão de acôrdo.

Êsse ponto diz respeito à pessoa de Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República, em quem todos nós reconhecemos e admiramos um carácter impoluto, um desinteresse nunca desmentido, uma eleqüência fulgurante, um coração diamantino.

Para Sua Ex.ª que foi o mais eleqüente, o mais desinteressado e valioso paladino da liberdade dos vencidos de Monsanto, para Sua Ex.ª vão neste momento as minhas mais calorosas saudações, as minhas mais sentidas homenagens.

Em atenção ás altas qualidades que exornam as pessoas dos ilustres doutorandos e à alta es-

tima que nos merece o padrinho ilustre que os recomenda, tenho a honra de pedir a V. Ex.ª, Senhor Director da Faculdade de Sciências, se digne conceder a Sua Ex.ª o Marechal Jofre, a Sir Horace Smith-Dorrien e a Sua Ex.ª o generalíssimo Armando Dias, o grau de doutor em Sciências Matemáticas e ordene lhe sejam entregues as respectivas insignias.

Disse.

FÓRMULA DO GRAU DE DOUTOR

CONFERIDO AO MARECHAL JOFFRE,
AO GENERALÍSSIMO DIAZ
E A SIR HORACE SMITH DORRIEN
EM 15 DE ABRIL DE 1921

Ego Doctor Ioseph Ioachim de Oliveira Guimarães, huius almae Conimbrigensis Vniuersitatis Rector, creo uos, Honoris Causa, Doctores praeclarae Scientiarum Facultatis in nomine et auctoritate eiusdem Academiae; et committo sapientissimo Doctori Ioanni Ioseph Dantas Souto Rodrigues, ipsius Facultatis Decano, ut uos insigniis doctoralibus exornet.

L'INVESTITURE DES INSIGNES DOCTORALES

PAR

M. le Prof. Jean J. D. Souto Rodrigues

Directeur de la Faculté des Sciences.

MESSIEURS LES GÉNÉRAUX:

Je suis très honoré d'adresser mes plus chaleureux compliments aux réprésentants des armées, qui ont anéanti la coalition des empires du centre de l'Europe et de leurs alliés. Fiers de vôtre visite, nous vous en rendons les plus vifs remercîments.

Á vous, Monsieur le Maréchal Joffre, l'admirable tacticien qui commanda la fameuse retraite de Charleroi, tout en se ménageant le champ de bataille de son choix. Vous avez remporté sur la Marne, le grand fleuve historique de la France, la première grande victoire de toute la guerre, et vous avez arrété la ruée teutonique qui menaçait Paris. Plusieurs critiques militaires ont cru pouvoir dès lors prévoir la défaite des allemands; et s'il me manque, á moi qui suis étranger aux complications subtiles des grands problèmes straté-

giques, l'autorité pour faire l'éloge de ces opérations, je puis du moins vous dire que parmi les plus célèbres proclamations de guerre je n'en connais pas de plus entraînante que la vôtre. Dans la proclamation classique des Pyramides on sent passer un frisson fièvreux de gloire. De celle de la Marne il se dégage plutôt ce soufle de patriotisme ardent, qui inspira de tout temps à l'âme humaine les plus tragiques abnégations et les plus èpiques exploits.

À vous, Monsieur le Généralissime Diaz, qui avez paru sur la scène un peu plus tard mais n'en avez pas moins joué l'un des premiers rôles. La réorganisation de l'armée italienne, savamment et héroiquement opérée sous le feu du canon ennemi, vous permit d'accomplir la merveilleuse concentration sur la Piave, et par là vous avez contrecarré les plans autrichiens de l'invasion de votre patrie; rétranché dans vos nouvelles positions, vous avez frappé dans les plaines venitiennes le premier grand coup de la dernière étape de la victoire. D'ailleurs nous avons le très légitime orgueil d'honorer en vous le descendant du grand navigateur Barthélemi Diaz, qui fut l'un des plus grands héros de l'épopée de nos découverts maritimes.

Et encore à vous, Monsieur le Général Smith Dorrien, qui, après une vie militaire des plus remplies et des plus glorieuses, avez commandé

l'armée anglaise de l'Afrique orientale, au temps où les soldats portugais attaquaient Kionga et passaient le Rovume. Malheureusement la maladie vous écarta avant le temps de ce commandement, où vous auriez cueilli de nouveaux lauriers, qui viendraient s'ajouter à ceux que vous avez remporté dans l'Inde et en Égypte. Dans le cortège triomphal de nos soldats inconnus, tués l'un dans la Flandre et l'autre en Afrique, devant le magnifique tombeau de Jean I à la somptueuse basilique de Bataille, la Westminster portugaise que vous venez de visiter, vous avez pu vous rapeller que ce grand roi épousa une princesse de la maison anglaise de Lancastre; et que les archers anglais sont venus combatre vaillamment sous son drapeau à la fameuse bataille de Aljubarrota, dont la mémoire fut consacrée dans le monumental monastère.

Mais il ne faut pas m'appesantir sur les actions d'éclat qui ont fait inscrire vos trois noms sur les tablettes d'or de la gloire. En démonstration de tout le prix que nous y mettons, l'Université de Coïmbra vous a décerné sa plus haute distinction académique en vous décorant du titre de Docteurs en Mathématique, l'une des branches de notre Faculté des Sciences.

En la qualité de Directeur de cette Faculté je viens aujourd'hui en son nom, et par délegation explicite de notre Recteur, vous investir solen-

nellement dans les emblèmes attachés depuis des siècles à la réprésentation de cette dignité.

Voici la couronne, qui ceindra vos fronts des lauriers de la science à coté de ceux de la victoire; et l'anneau de la fraternité universitaire, que je vais passer à vos doigts en vous donnant l'accolade traditionnelle de nos anciens usages.

Maintenant je vous invite à venir rendre l'accolade à vos nouveaux confrères, et à prendre possession parmi nous des places qui sont devenues les votres d'après les chartes que je dépose dans vos mains.

CÓPIA

DAS

CARTAS DOUTORAIS

ARCHIGYMNASII · CONIMBRIGENSIS

PROFESSORIBVS · ET · DOCTORIBVS · IN · AVLA · MAXIMA · SOLLEMNITER · CONGREGATIS
CIRCVMSEDENTIBVS · ALIQVIBVS · REIPVBLICAE · ADMINISTRIS
OMNIVM · ORDINVM · MAGISTRATIBVS · PLVRIMISQVE · INLVSTRIBVS · HOMINIBVS

CORAM · IPSIS

VIR · SCIENTIAE · REI · MILITARIS · LAVDE · ET · MORVM · PROBITATE · CLARISSIMVS

IOSEPH · IACOB · CAESARIVS · IOFFRE

FRANCORVM · CASTRORVM · PRAEFECTVS · PRIMARIVS
EXERCITVSQVE · IMPERATOR
ATQVE · DE · GERMANIS · TRIVMPHATOR · MAGNIFICVS

PRAECLARAE · SCIENTIARVM · FACVLTATIS · HVIVS · ALMAE · VNIVERSITATIS · IVSSV

SCIENTIARVM · MATHEMATICARVM · DOCTOR
HONORIS · CAUSA

A · ME · DOCTORE

IOSEPH · IOACHIM · DE · OLIVEIRA · GVIMARÃES

LIBERALIVM · ARTIVM · FACVLTATIS · PROFESSORE · ORDINARIO · ET · DECANO
VNIVERSITATISQVE · RECTORE
RITE · AC · LEGITIME · EST · CREATVS

ET · A · SAPIENTISSIMO · DOCTORE

IOANNE · IOSEPH · DANTAS · SOVTO · RODRIGVES

ILLIVS · SCIENTIARVM · FACVLTATIS · PROFESSORE · ORDINARIO · ET · DECANO
INSIGNIIS · DOCTORALIBVS · DECORATVS

A · D · XVII · KAL · MAI · AN · M · DCCCC · XXI

OMNIBVS · TANDEM · IVRIBVS · TITVLIS · PRIVILEGIIS
QVAE · AD · DOCTOREVM · ORDINEM · ATTINENT
IPSVM · ORNATVM · ATQVE · AVCTVM · ESSE
HOC · DIPLOMATE
MAGNO · ACADEMIAE · SIGILLO · AC · MEO · CHIROGRAPHO · MVNITO
TESTIFICOR
CONIMBRIGAE · DIE · MENSE · ANNO · SVPRADICTIS

Dr. Ioseph Ioachim de Olivueira Guimarães
Vniuersitatis Rector

Dr. Ioannes Ioseph Dantas Souto Rodrigues
Scientiarum Facultatis Decanus

Dr. Gulielmus Alues Moreira
Vniuersitatis Procancellarius

ARCHIGYMNASII · CONIMBRIGENSIS

PROFESSORIBVS · ET · DOCTORIBVS · IN · AVLA · MAXIMA · SOLLEMNITER · CONGREGATIS
CIRCVMSEDENTIBVS · ALIQVIBVS · REIPVBLICAE · ADMINISTRIS
OMNIVM · ORDINVM · MAGISTRATIBVS · PLVRIMISQVE · INLVSTRIBVS · HOMINIBVS

CORAM · IPSIS

VIR · SCIENTIAE · REI · MILITARIS · LAVDE · ET · MORVM · PROBITATE · CLARISSIMVS

ARMANDVS · DIAZ

ITALORVM · CASTRORVM · PRAEFECTVS · PRIMARIVS
EXERCITVSQUE · IMPERATOR
ATQVE · DE · AVSTRIACIS · TRIVMPHATOR · MAGNIFICVS

PRAECLARAE · SCIENTIARVM · FACVLTATIS · HVIVS · ALMAE · VNIVERSITATIS · IVSSV

SCIENTIARVM · MATHEMATICARVM · DOCTOR
HONORIS · CAUSA

A · ME · DOCTORE

IOSEPH · IOACHIM · DE · OLIVEIRA · GVIMARÃES

LIBERALIVM · ARTIVM · FACVLTATIS · PROFESSORE · ORDINARIO · ET · DECANO
VNIVERSITATISQVE · RECTORE
RITE · AC · LEGITIME · EST · CREATVS

ET · A · SAPIENTISSIMO · DOCTORE

IOANNE · IOSEPH · DANTAS · SOVTO · RODRIGVES

II LIVS · SCIENTIARVM · FACVLTATIS · PROFESSORE · ORDINARIO · ET · DECANO
INSIGNIIS · DOCTORALIBVS · DECORATVS

A · D · XVII · KAL · MAI · AN · M · DCCCC · XXI

OMNIBVS · TANDEM · IVRIBVS · TITVLIS · PRIVILEGIIS
QVAE · AD · DOCTOREVM · ORDINEM · ATTINENT
IPSVM · ORNATVM · ATQVE · AVCTVM · ESSE
HOC · DIPLOMATE
MAGNO · ACADEMIAE · SIGILLO · AC · MEO · CHIROGRAPHO · MVNITO
TESTIFICOR
CONIMBRIGAE · DIE · MENSE · ANNO · SVPRADICTIS

Dr. Ioseph Ioachim de Olíueira Guimarães
Vniuersitatis Rector

Dr. Ioannes Ioseph Dantas Souto Rodrigues
Scientiarum Facultatis Decanus

Dr. Gulielmus Alues Moreira
Vniuersitatis Procancellarius

ARCHIGYMNASII · CONIMBRIGENSIS

PROFESSORIBVS · ET · DOCTORIBVS · IN · AVLA · MAXIMA · SOLLEMNITER · CONGREGATIS
CIRCVMSEDENTIBVS · ALIQVIBVS · REIPVBLICAE · ADMINISTRIS
OMNIVM · ORDINVM · MAGISTRATIBVS · PLVRIMISQVE · INLVSTRIBVS · HOMINIBVS

CORAM · IPSIS

VIR · SCIENTIAE · REI · MILITARIS · LAVDE · ET · MORVM · PROBITATE · CLARISSIMVS

HORATIVS · LOCKWOOD · SMITH · DORRIEN

BRITANNICORVM · CASTRORVM · PRAEFECTVS
AGMINISQVE · DVX

PRAECLARAE · SCIENTIARVM · FACVLTATIS · HVIVS · ALMAE · VNIVERSITATIS · IVSSV

SCIENTIARVM · MATHEMATICARVM · DOCTOR
HONORIS · CAUSA

A · ME · DOCTORE

IOSEPH · IOACHIM · DE · OLIVEIRA · GVIMARAES

LIBERALIVM · ARTIVM · FACVLTATIS · PROFESSORE · ORDINARIO · ET · DECANO
VNIVERSITATISQVE · RECTORE
RITE · AC · LEGITIME · EST · CREATVS

ET · A · SAPIENTISSIMO · DOCTORE

IOANNE · IOSEPH · DANTAS · SOVTO · RODRIGVES

ILLIVS · SCIENTIARVM · FACVLTATIS · PROFESSORE · ORDINARIO · ET · DECANO
INSIGNIIS · DOCTORALIBVS · DECORATVS

A · D · XVII · KAL · MAI · AN · M · DCCCC · XXI

OMNIBVS · TANDEM · IVRIBVS · TITVLIS · PRIVILEGIIS
QVAE · AD · DOCTOREVM · ORDINEM · ATTINENT
IPSVM · ORNATVM · ATQVE · AVCTVM · ESSE
HOC · DIPLOMATE
MAGNO · ACADEMIAE · SIGILLO · AC · MEO · CHIROGRAPHO · MVNITO
TESTIFICOR
CONIMBRIGAE · DIE · MENSE · ANNO · SVPRADICTIS

Dr. Ioseph Ioachim de Olíueira Guimarães
Vniuersitatis Rector

Dr. Ioannes Ioseph Dantas Souto Rodrigues
Scientiarum Facultatis Decanus

Dr. Gulielmus Alues Moreira
Vniuersitatis Procancellarius

ÍNDICE

Pág.

Relato 5

Têrmos de Doutoramento na Faculdade de Sciências da Universidade de Coimbra:

Do Marechal de França Joseph Jacques Caesarius Joffre 25

Do General do Exército Inglês Sir Horace Lockwood Smith Dorrien 27

Do Generalíssimo do Exército de Itália Armando Diaz 30

Discurso do Doutor Oliveira Guimarães, Reitor da Universidade. 33

Discurso do Doutor Diogo Pacheco de Amorim 47

Fórmula da colàção do Grau de Doutor ao Marechal Joffre, ao Generalíssimo Diaz e a Sir Horace Smith Dorrien, em 15 de Abril de 1921. 64

Discurso do Doutor João José Dantas Souto Rodrigues, Director da Faculdade de Sciências, ao impôr das insígnias 65

Cartas Doutorais (cópia) 69